



Neste 1º de Maio, Dia Internacional do Trabalhador, queremos trocar ideias com a mulher trabalhadora e com o homem trabalhador sobre onde estamos e para onde vamos. Não falaremos aqui de uma pauta de reivindicações como se faz habitualmente nesta data. Sobre isso você pode se informar nas redes sociais, nos portais das centrais sindicais e dos sindicatos e até mesmo na grande mídia.

Aqui, escolhemos o debate sobre o trabalho naquilo que ele tem de mais valioso. O trabalho como recurso primeiro da vida, do bem-estar e da continuidade do ser humano neste nosso Planeta ameaçado.

No balanço de todos os dias, nossos passos são condicionados pelo trabalho que fazemos. Quanto mais inteligente e produtivo ele é, mais gerador de bem-estar ele será.

ONDE ESTAMOS

No ano passado, o número de pessoas ocupadas atingiu um recorde histórico desde 2012, totalizando 101 milhões, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE. Após a dureza dos últimos anos, a renda média dos trabalhadores voltou a crescer, mas só agora se aproxima do que era em 2016. O potencial para acelerarmos o crescimento é grande, mas as barreiras também.

Mulher Trabalhadora



O número de mulheres ocupadas também bateu um recorde em 2023, chegando a cerca de 43,4 milhões. Apesar deste avanço, temos uma dificuldade a vencer. Mesmo sendo maioria, a participação das mulheres na força de trabalho limitava-se a 53,3% em 2022. Já a participação dos homens atingia 73,2%. É como se a cada grupo de 5 homens ocupados em seus postos de trabalho tivéssemos 4 mulheres ocupadas.

Para piorar, a diferença salarial média entre homens e mulheres era de 21% em favor dos homens. Mesmo que a CLT de 1943 e a

Constituição de 1988 garantam em lei que haja remuneração igual por trabalho e função iguais, as diferenças persistem.

O desafio de vencer a desigualdade de gênero no trabalho é grande e depende das leis e de programas governamentais. Mas não só. É necessária uma mobilização permanente de toda a sociedade para que os direitos sociais das mulheres sejam efetivos. É indispensável que as licenças maternidade e paternidade se equivalham. É fundamental oferecer qualificação para as mulheres que trabalham na informalidade.

Mudanças culturais dentro e fora de casa são necessárias. As tarefas caseiras precisam ser mais bem divididas entre companheiros que vivem sob o mesmo teto. Para as mulheres que têm filhos pequenos, creches e escolas em tempo integral são fundamentais. Para as mulheres negras, devemos exigir ainda mais igualdade salarial.

O Brasil só tem a ganhar com uma participação maior das mulheres no mercado de trabalho. De acordo com um estudo da Organização Internacional do Trabalho, a plena integração da mão de obra feminina representará um ganho de 3,3% no Produto Interno Bruto do País, com uma geração de mais de R\$ 131 bilhões em receita tributária.

Creches e escolas de tempo integral são fundamentais para mulheres que trabalham

Participação no mercado de trabalho

53,3%

do total de mulheres a partir dos 15 anos

73,2%

do total de homens a partir dos 15 anos



Trabalhador Informal

Até 2015, vivemos uma história de sucesso com a criação de mais de 20 milhões de empregos com carteira de trabalho assinada entre 2002 e 2015, atingindo um ápice de 48,1 milhões de postos de trabalho formais. De lá para cá, perdemos 9 milhões desses empregos, fazendo com que o mercado informal voltasse ao patamar de 39%.

Rendimentos menores, ausência de proteção social e de direitos como Previdência Social, 13º salário, férias e benefícios implicam maiores jornadas de trabalho, mais estresse e menor capacidade de consumo dos trabalhadores. Cria-se, assim, um círculo vicioso em que a baixa produtividade do trabalho afeta negativamente o crescimento econômico do País. Com menores rendimentos, é mais difícil o acesso dos trabalhadores à moradia, à saúde e a toda sorte de bens, materiais e culturais.

O Operário Industrial

Trinta anos atrás, em 1985, a indústria de transformação atingiu um auge de 36% de participação na formação da riqueza nacional, o PIB. De lá para cá, muito coisa mudou. Milhões de empregos migraram para a China e outros países asiáticos. Também a tecnologia mudou profundamente nas fábricas, com aumento da automação dos processos e digitalização das máquinas. A quantidade de trabalhadores diminuiu e o perfil profissional mudou. Mais do que montadores, a indústria passou a empregar técnicos e engenheiros, operadores-programadores e analistas.

Hoje, a participação da indústria de transformação no PIB caiu para pouco mais de 11%. Ainda assim, ela emprega 6,9 milhões de trabalhadores, paga os melhores salários e responde por mais da metade dos empregos com carteira assinada de toda a indústria, compreendidos os segmentos extrativo-mineral (como petróleo) e de serviços industriais de utilidade pública (como água e eletricidade). Todo o setor industrial representa 22% dos empregos formais do País. Com o uso crescente da Inteligência Artificial nas firmas, novas oportunidades e ameaças virão para os operários industriais.

Os trabalhadores do campo



A **CONTAG**, Confederação dos Trabalhadores Agrícolas, e **CONTRAF-Brasil**, Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar, juntamente com o **MST**, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, constituem a coluna vertebral da agricultura familiar brasileira.

A luta pelos direitos dos trabalhadores no campo, pela reforma agrária e pela melhora das condições de financiamento aos agricultores familiares é do maior interesse dos trabalhadores e trabalhadoras da cidade. Afinal, nossa comida de cada dia vem daí.

Microempreendedores, Empreendedores e autônomos

Distribuídos pelo setor terciário, no comércio e nos serviços, aqui está a massa dos ocupados. São os trabalhadores por conta própria, os de serviços por aplicativos, os funcionários sem registro dos pequenos comércios e varejistas, os especializados em reparos profissionais, em cuidados de saúde para uma população que vai ficando mais idosa e até os ambulantes, entre tantas outras atividades. Esses trabalhadores não sofrem a concorrência direta da Ásia, como os operários industriais, mas são muito rapidamente impactados se a economia cresce ou retrai. Juros altos os machucam mais.

Os últimos dados do SEBRAE mostram que as pequenas empresas criaram 177 mil empregos com carteira assinada em fevereiro e responderam por 60% das 475 mil novas contratações no acumulado de janeiro e fevereiro. A formalização leva a um aumento de 25% da renda, segundo o SEBRAE. Com maior acesso a crédito, a realidade das micro e pequenas empresas muda. Isso é o que voltou a acontecer mais fortemente depois de 8 anos em que se combinaram recessão, crise política e pandemia. Com a queda das taxas de juros acontecendo e o crédito aumentando, melhores dias virão.



PARA ONDE VAMOS

O futuro do trabalho na indústria, no comércio, nos serviços e no campo passa pela reestruturação produtiva que o mundo vive desde que a crise financeira global de 2008 e a pandemia de COVID-19 aceleraram os desafios associados à crise climática.

O aquecimento global é uma ameaça real para o Planeta. Mas, sobretudo agora que o desmatamento da Amazônia foi contido e cai expressivamente, nosso País é um dos mais bem posicionados para viver uma nova era de industrialização baseada na economia verde. O mundo nos vê assim. Uma nova era de industrialização, com energia limpa e baixa emissão de carbono, impulsionará o trabalho em todos os setores.

Mais renda e bem-estar do povo estão no horizonte e nosso objetivo deve ser o de chegarmos a um Brasil com muito mais ino-

vação, produtividade e eficiência no trabalho. Com a valorização da negociação coletiva e o fortalecimento do Movimento Sindical. Queremos um país com negociação coletiva valorizada e respeitada, a partir das melhores práticas internacionais. Sindicatos fortalecidos com maior representatividade e poder de negociação. Isso é essencial para criarmos riqueza e repartirmos seus frutos de forma justa.

Não dá para ignorar que existam grandes ameaças e que vivemos num mundo de grande instabilidade social, crises humanitárias, desastres ambientais e guerras. As enormes desigualdades entre ricos e pobres também afetam a paz social. Mesmo assim, só é possível evoluirmos por meio do trabalho. Neste 1º de maio, pela força criativa do trabalho, vamos avançar na construção de um Brasil melhor e de um mundo mais justo!